

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG

EDITAL Nº 41/2023 - PRPPG

XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

BRUNO, O FILÓSOFO ALÉM DO UNO

Autor(es): Luiz Fernando dos Santos Oliveira¹; ² Ideusa Celestino Lopes

¹ Curso de Mestrado em Filosofia, Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* - PRPPG, UVA; E-mail: lfs.oli@gmail.com, ² Ideusa Celestino Lopes, Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* - PRPPG, UVA. E-mail: ideusalopes@gmail.com.br.

Resumo: Na obra “*Da causa, princípio e uno*” (BRUNO, 2022), discute uma ampla gama de tópicos filosóficos, teológicos e cosmológicos, buscando uma síntese entre a filosofia antiga, especialmente o pensamento neoplatônico, e as novas ideias científicas emergentes durante a Renascença. Ao examinar o conceito de causa, que o autor vê como fundamental para entender a natureza do universo, ele argumenta que todas as coisas têm uma causa, e que essa causa é uma força ativa e inteligente que permeia o universo. Essa causa é o princípio que dá origem a todas as coisas e está presente em tudo. Ele defende a ideia de um princípio universal e unitário que é a fonte de toda a realidade.

Palavras-chave: Filosofia, Causa, Princípio, Uno

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Da Causa, Princípio e Uno, publicado em 1584, é um livro que rompe com o dualismo físico aristotélico e concebe a ideia cosmológica da “forma” e “matéria” como constituídas no Uno. Além de tentar atenuar os ânimos da publicação anterior em A Ceia das Cinzas, que provocou um grave descontentamento da comunidade acadêmica, principalmente dos poucos intelectuais que se afeiçoaram por Bruno, dedica o primeiro diálogo, de cinco, em mitigar “a violenta crítica à sociedade londrina”, esboça uma melancólica ode conciliatória à cultura britânica e, à rainha Elizabete, com delongadas honrarias, o que também denota uma apologia jocosa.

OBJETIVOS

O estudo tem como objetivo as discussões acerca dos diálogos do livro Causa, Princípio e Uno do autor italiano Giordano Bruno.

MATERIAL E MÉTODOS

A questão analógica da diferença, ele a usou para explorar a ideia de dualismo. A metodologia analógica da diferença é uma técnica filosófica que busca mostrar as diferenças entre duas coisas que aparentemente são semelhantes. Na obra, Da Causa, Princípio e Uno, explora a ideia de dualismo na natureza, afirma que a natureza é composta de duas substâncias fundamentais: o espírito e a matéria. Para ele, o espírito era a essência divina da natureza, enquanto a matéria era sua manifestação física. Além de discorrer sobre as diferenças entre outras dualidades na natureza, como o bem e o mal, a luz e a escuridão, e o calor e o frio. Ele argumentava que essas dualidades eram opostas e contrastantes, mas ao mesmo tempo estavam interconectadas e faziam parte de uma unidade maior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Alexandre Koyré, Bruno, em *A ceia das cinzas*, apresenta a melhor discussão e



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

refutação das objeções clássicas.

“contra o movimento da Terra jamais escritas antes de Galileu; ele proclama que o mundo é infinito e, por conseguinte, não existe nele nenhum corpo ao qual coubesse, simpliciter (simplesmente), estar no centro, sobre o centro, na periferia ou entre esses dois extremos do mundo (que, ademais, não existe), mas somente estar entre corpos. Quanto ao mundo, que tem sua causa e origem numa causa infinita e num princípio infinito, deve ser infinitamente infinito segundo sua necessidade corporal e seu modo de ser... É verdade que Nicolau de Cusa já havia dito quase a mesma coisa. Entretanto, não podemos deixar de reconhecer a diferença de ênfase. Enquanto ele simplesmente afirma a impossibilidade de se atribuírem limites ao mundo, Giordano Bruno afirma sua infinitude e se regozija com isso. A determinação e a clareza superiores do discípulo em relação ao mestre são notáveis: A um corpo de dimensão infinita não se pode atribuir nem centro nem limites, pois quem fala do vazio ou do éter infinito não lhe atribui nem peso nem leveza nem movimento, nem ali distingue posição superior, inferior ou intermediária; supõe, ademais, que haja nesse espaço inúmeros corpos como o nosso, como nossa Terra e outras terras, nosso Sol e outros sóis... O deslocamento da Terra do centro do mundo não foi sentido como degradação. Muito pelo contrário, é com entusiasmo ardoroso, o entusiasmo de um prisioneiro que vê desmoronarem as paredes de sua prisão, que Bruno anuncia a extinção das esferas que nos separavam dos vastos espaços abertos e dos tesouros inexauríveis do universo eterno, infinito e em mutação... Para ele, movimento e mutação são sinais de perfeição e não de sua ausência. Um universo imutável seria um universo morto; um universo vivo tem de ser capaz de mover-se e de se modificar.” (BRUNO, 2022).

No primeiro diálogo, *Da causa, princípio e uno*, o autor tenta persuadir ou atenuar, para a sociedade londrina, que seu intento em *A Ceia das Cinzas*, não era “ofender” a comunidade acadêmica de forma ampla, mas sim, em criticar o enrijecimento aristotélico imposto às universidades de seu tempo. Esta crítica se sustenta na epístola preambular, inclusive a acusação de misoginia aos doutos:

“Eu, portanto, a quem jamais pôde acusar de ingrato, que ninguém jamais vituperou descortês, de quem não há quem possa lamentar-se, eu, odiado pelos estudos, desprezado pelos vis, censurado pelos ignóbeis, vituperado por malandros e perseguido pelos gênios bestiais; eu, amado pelos sábios, admirado pelos doutos, exaltado pelos grandes, estimados pelos poderosos e favorecido pelos deuses” (BRUNO, 2022).

Ainda, neste primeiro diálogo, reforça a capacidade da filosofia como ‘*alumiador*’ dos pensamentos obtusos adeptos da filosofia vulgar. O defeito não é de luz, mas de luzes; quanto mais belo e excelente o sol, tanto mais odioso será ele aos olhos das bruxas noturnas e desprovido de vantagem (BRUNO, 2022).

A tolerância do autor contra os pedantes é discorrida fortemente no primeiro diálogo, principalmente contra os que se encerram em suas devoções aos muros das universidades, levando-o a comparar o filósofo ao médico, que este não deve ser assassinado por tentar curar um doente por ser estrangeiro, quanto ao filósofo ser atuante em qualquer pátria.

[...] pois não existe vil pedante, dicionarista poltrão, fauno estúpido ou cavalgada ignorante que, por se mostrar carregado de livros, alisar a barba ou por outras maneiras enfatuadas [...] que junto ao vulgo tanto faz dizer filósofo como um escroque, um inútil, um pedante, um saltimbanco, charlatão, bom pra servir como passatempo em casa de espantalho de pássaros no campo (BRUNO, 2022)

Ele utiliza essa comparação para ilustrar a diferença entre as abordagens de ambos os grupos em relação ao conhecimento e à compreensão do mundo. Argumenta que os médicos estão preocupados principalmente com a cura e o alívio das doenças físicas. Eles estudam os sintomas, diagnosticam as enfermidades e prescrevem tratamentos específicos para cada caso. Os médicos



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

estão focados no cuidado com o corpo físico e em encontrar soluções práticas para os problemas de saúde.

No que concerne aos filósofos, ele diz que eles têm uma abordagem mais ampla e abrangente. Eles estão interessados não apenas na cura das doenças físicas, mas também na busca pelo conhecimento e na compreensão das questões mais profundas do universo e da existência humana.

Os filósofos se dedicam a questionar e explorar os fundamentos da realidade, buscando uma visão mais completa e transcendente da natureza das coisas. Essa comparação entre médicos e filósofos reflete a valorização de Bruno pelo pensamento especulativo e pela busca por um entendimento mais profundo da realidade. Ele vê a filosofia como uma disciplina que transcende as limitações práticas e se dedica a explorar as questões fundamentais da existência humana e do cosmos.

Portanto, os filósofos desempenham um papel fundamental ao investigar e questionar os princípios e as causas que regem o universo, enquanto os médicos estão mais envolvidos na aplicação prática desse conhecimento para cuidar da saúde física dos indivíduos.

Segue a composição denunciando a hegemonia aristotélica na constituição do saber nas universidades, e, já faz um próêmio da tratativa dos diálogos vindouros, não se abstendo em denunciar a misoginia com contrastes das naturezas femininas e masculinas, em resumo, atribui ao masculino o caos e o feminino às virtudes. Não encerra o primeiro diálogo, sem antes de tecer uma generosa adulação à rainha da Inglaterra, Elisabete.

A partir do segundo diálogo, Bruno, de fato, começa a tratar as questões da causa, do princípio e do uno. Ele discute a natureza do Uno, que vê como o princípio supremo e transcendental. Ele coloca que o Uno é infinito, imutável e eterno, e que todas as coisas emanam dele. Essa concepção se assemelha ao conceito de Deus, mas Bruno não se limita a uma visão teológica tradicional. Ele acredita que o Uno não é apenas uma entidade divina separada do mundo, mas está intrinsecamente ligado a tudo o que existe. Nesse diálogo, o autor explora a ideia de um princípio supremo, que ele denomina "Uno" ou "Deus", como a origem e a fonte de todas as coisas; discute a necessidade desse princípio para explicar a existência do universo e argumenta contra a visão de que o mundo possa ter surgido a partir do nada ou por acaso. Formula o Uno como algo imanente em todas as coisas e se manifesta na diversidade e na multiplicidade do universo e defende a ideia de que a causa primordial é inseparável de suas consequências, e que todas as coisas estão interconectadas em uma rede de relações.

O intelecto universal é a mais íntima, inerente e real faculdade e ainda parte potencial da alma do mundo. É o mesmo entendimento que tudo preenche, iluminando o universo, e assim encaminha a natureza a produzir suas espécies como convém; e assim se relaciona com a produção das coisas naturais da mesma forma que o nosso intelecto se relaciona com a produção das espécies racionais. (BRUNO, 2022).

Uma das analogias mais interessantes da obra é a associação da alma no corpo, como o piloto ao navio.

Digo que isso não é um inconveniente se considerarmos que a alma está no corpo como o piloto no navio; o piloto, enquanto se move com o navio, é parte constitutiva dele; considerado como elemento que o governa e movimenta, não é entendido como parte do navio, mas como causa eficiente distinta; assim também a alma do universo, enquanto anima e dá forma, passa a ser parte intrínseca e formal do universo; porém, na medida em que o dirige e governa, ela não constitui parte, não tem razão de princípio, mas de causa. Com isso concorda o próprio Aristóteles; embora negue que a alma tenha com o corpo a relação que o piloto tem com o navio; todavia, considerando-a em sua faculdade de compreender e conhecer não ousa chamá-la ato e forma do corpo; mas como um

eficiente separado da matéria, segundo o ser, diz que aquele é coisa que vem de fora, segundo sua subsistência, separada do composto (BRUNO, 2022).

A obra segue com pontos importantes para a compreensão da visão de Bruno sobre a natureza do universo e sua relação com Deus. No terceiro diálogo, Bruno discute a natureza da mente humana e sua capacidade de compreender a substância fundamental que compõe todas as coisas. Ao discorrer sobre a matéria, forma e mistura; discute a natureza da matéria e argumenta que ela é composta de partículas infinitamente pequenas. Ressalta que a mente humana é capaz de compreender essa substância, mas apenas de forma limitada e imperfeita. Além disso, defende que a mente humana é capaz de se conectar com o universo e com Deus através da contemplação e da meditação, porém, mesmo que a mente humana seja capaz de compreender essa substância, ela é ainda limitada e imperfeita.

No quarto diálogo, discute a existência de Deus e sua relação com o universo, sobre o finito e o infinito, Bruno explora o conceito de infinito e argumenta que ele não pode ser limitado por definições ou conceitos humanos. Argumenta que Deus é a causa final de todas as coisas e que todas as coisas existem para cumprir um propósito divino. Discute a ideia de que o universo é um sistema interconectado e que todas as coisas estão em constante movimento e transformação.

E mais, se tudo aquilo que é (começando pelo ente sumo e supremo) contém uma certa ordem e produz uma dependência, uma escada, pela qual se sobe das coisas compostas para as simples, destas para as simplíssimas e absolutíssimas, por meios proporcionais e copulativos, participando da natureza de um e outro extremo e, conforme uma razão própria, neutros; não há ordem onde não haja uma certa participação; não há participação onde não haja certa coligação; e não há coligação sem alguma participação. Logo, é necessário que, de todas as coisas subsistentes, haja um princípio de subsistência. [...] deve-se considerar que a corporeidade lhe seja contra a natureza e se isso assim é, não é verossímil haver uma natureza comum às duas matérias, antes de entender-se que uma seja contraída a ser corpórea; digo em acréscimo que não podemos atribuir àquela matéria a necessidade de todos os atos dimensionais, assim como a da impossibilidade. Aquela matéria, por ser atualmente tudo o que pode ser, possui todas as medidas, todas as espécies de figuras e de dimensões; e por que as possui todas, não possui nenhuma, pois aquilo que é tantas coisas diversas, precisa não ser alguma em particular (BRUNO, 2022).

Por fim, no quinto diálogo, fala sobre o universo como um todo, apresenta sua visão geral sobre o universo e diz que ele é governado por leis naturais que podem ser entendidas através da razão humana, discute a natureza do tempo e do espaço. Ele argumenta que o tempo e o espaço são infinitos e que não podem ser medidos ou compreendidos de forma absoluta. Além disso, Bruno defende que todas as coisas existem simultaneamente no tempo e no espaço, e que o movimento e a mudança são ilusórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera que seu estilo mordaz, lírico e artístico torna a leitura, de temas tão caros, uma boa absorção da conjuntura de seu tempo. Um revolucionário na expansão do conhecimento. A historiadora Frances Yeats, em sua obra, Giordano Bruno e a tradição hermética, diz que a obra de Bruno foi fundamental para a história do pensamento ocidental, influenciou pensadores como Isaac Newton e Francis Bacon. Ela relaciona a tradição da filosofia hermética e a obra de Giordano Bruno, ao delinear a importância deste na história da filosofia e da ciência.

AGRADECIMENTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Agradecimentos ao Curso de Mestrado em Filosofia - MAF da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Giordano. **Obras Italianas**. 1ª edição: São Paulo: Perspectiva, 2022.

YATES, Frances A. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. Ed. Cultrix: São Paulo, 1995.